



## **TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

TERRITORIALIDADES KAXARARI Y SUS CONSTRUCCIONES DE IDENTIDAD

Geane Ferreira Leite <sup>1</sup>

Maiza Soares da Silva <sup>2</sup>

### **RESUMO:**

A pesquisa realizada dentro do projeto "Viver Kaxarari", busca compreender a identidade e a constituição socioespacial da população na Terra Indígena Kaxarari, destacando o papel das mulheres, jovens e anciãos. O método utilizado é a fenomenologia, de Gaston Bachelard, e metodologias como revisão bibliográfica, trabalho de campo e entrevistas. O trabalho de campo na Aldeia Barrinha revelou a influência da representação estereotipada do indígena na educação, valorização da língua materna e a preservação de tradições como elementos fundamentais para a construção da identidade e resistência cultural. Na Aldeia Marmelinho, por sua vez, a presença da religião protestante impacta na vida cotidiana da comunidade, levantando preocupações sobre possíveis rupturas culturais. Os Kaxarari, reduzidos ao longo dos anos, enfrentam desafios na preservação de sua língua e cultura e, neste artigo, buscamos destacar a importância dos saberes indígenas na resistência contra imposições culturais e na luta pelos direitos territoriais. A relação entre a exploração da natureza e a insegurança alimentar é discutida, evidenciando os impactos da desigualdade na vida dos indígenas. Neste texto, buscamos destacar a importância de valorizar a cultura indígena e reconhecer a contribuição dos saberes ancestrais para construir relações mais equilibradas com a natureza.

**Palavras-Chaves:** Território, Identidade, Kaxarari, Artesanato.

### **RESUMEN**

La investigación realizada dentro del proyecto "Viver Kaxarari" busca comprender la identidad y constitución socioespacial de la población en la Tierra Indígena Kaxarari, destacando el papel de las mujeres, jóvenes y adultos mayores. El método utilizado es la fenomenología, de Gastón Bachelard, y metodologías como la revisión bibliográfica, el trabajo de campo y las entrevistas. El trabajo de campo en Aldeia Barrinha reveló la influencia de la representación estereotipada de los indígenas en la educación, la valoración de la lengua materna y la preservación de las tradiciones como elementos fundamentales para la construcción de identidad y resistencia cultural. En Aldeia Marmelinho, a su vez, la presencia de la religión protestante impacta la vida cotidiana de la comunidad, generando preocupaciones sobre posibles rupturas culturales. Los Kaxarari, reducidos a lo largo de los años, enfrentan desafíos para preservar su lengua y cultura y, en este artículo, buscamos resaltar la importancia del

---

<sup>1</sup>Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Email: [geanne.leite@unir.br](mailto:geanne.leite@unir.br)

<sup>2</sup>Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Email: [arqmaizasoares@gmail.com](mailto:arqmaizasoares@gmail.com)

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

conocimiento indígena en la resistencia a las imposiciones culturales y en la lucha por los derechos territoriales. Se analiza la relación entre la explotación de la naturaleza y la inseguridad alimentaria, destacando los impactos de la desigualdad en las vidas de los pueblos indígenas. En este texto buscamos resaltar la importancia de valorar la cultura indígena y reconocer el aporte de los conocimientos ancestrales a la construcción de relaciones más equilibradas con la naturaleza.

**Palabras clave:** Territorio, Identidad, Kaxarari, Artesanía.

### INTRODUÇÃO

Para compreender a Amazônia Brasileira é necessário considerar sua estreita relação com os objetivos geopolíticos do tempo passado e do presente, bem como o modo de vida das/nas comunidades tradicionais. Nesse sentido, a região é marcada por peculiaridades e aspectos estruturantes, entre as quais temos: a elevada desigualdade socioeconômica, o transporte fluvial utilizado por uma considerável parcela da população/cidades e a acentuada heterogeneidade que compreende desde cidades praticamente isoladas a modernos centros urbanos.

Nesse contexto, “a diversidade ambiental e biológica são temas recorrentemente evocados para caracterizar as singularidades da Amazônia. É assim desde os tempos remotos e serviram, muitas vezes, como justificativas para intervenções na região” (Val, 2009, p. 3) ou seja, conhecer as representações identitárias dos povos amazônicos e seus contextos inclui considerar um universo de ambiguidades, tendo em vista a insistente intenção de padronizar a Amazônia ao restante do Brasil sem reconhecer a região partindo de sua singularidade cultural.

Os povos originários têm nos recursos naturais sua condição para reprodução da vida em seu aspecto cultural, social, religioso, ancestral e de subsistência. Nesse sentido, o projeto “Viver Kaxarari” organizado pela Universidade Federal de Rondônia por meio dos Grupos de pesquisas: GepGênero, GepCultura e Genteh em parceria com a FAPERO e AMASUL, juntamente com as proponentes deste artigo apresentam-se com o objetivo de compreender a constituição socioespacial e identitária da população que vive na Terra Indígena Kaxarari considerando a relevância do papel das mulheres, dos jovens e dos anciãos, nos quais possuem perspectivas específicas para o fortalecimento da sua cultura.

### METODOLOGIA

O método adotado na pesquisa transcorreu pela fenomenologia em Gaston Bachelard (1993), que exige de pesquisadores a atenção em explicar o fenômeno a partir de um olhar

## **TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

filosófico, fenomenológico e geográfico, que muitas vezes se apresenta oculto. Já na articulação dos procedimentos metodológicos foram feitas revisão bibliográfica, trabalho de campo, relatório de campo, registro fotográfico e transcrição das entrevistas coletadas. O trabalho de campo ocorreu em períodos do ano de 2022 e percorreu até o ano seguinte, em 2023. Assim, vamos discorrer sobre o processo da pesquisa considerando as visitas realizadas durante estes dois períodos com enfoque distintos.

Nosso recorte espacial é o Território Indígena Kaxarari composto por dez aldeias, nas quais destacamos neste trabalho duas que são: Aldeia Barrinha e Marmelinho. O Povo Kaxarari em 1910, tinha uma população estimada de 2 mil indígenas e localizavam-se na fronteira dos estados do Amazonas, Acre e Rondônia. Desta época até hoje, devido aos violentos ataques e às epidemias, os Kaxararis foram reduzidos a menos de 600 pessoas; a língua do povo Kaxarari é da família Pano, semelhante ao idioma falado pelos Yaminawa, Kaxinawa, Yawanawa, Nukini, Katukina e Poyanawa (FUNAI, 1997). Uma vez que a constituição das identidades é um campo de batalha, como afirma Bauman (2005 p. 83) “sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha”, cenário comum na vida dos povos originários que vivem em constantes lutas por seu território e modos de vida desde os tempos de colonização.

### **DISCUSSÃO**

A decolonização de mentes representa uma estratégia que aponta para uma construção e recriação de um novo sujeito. Tendo em vista que a interculturalidade despeja horizontes e abre caminhos que enfrentam o colonialismo presente e convidam a criar posturas e condições, relações e estruturas novas e distintas (Klondy, 2020). Neste contexto, os saberes que os povos indígenas utilizam, apresenta-se como uma possibilidade, que se opõe diretamente às relações de poder e estruturas que naturalizam as assimetrias e desigualdades sociais, e serão apresentados nos próximos tópicos por meio das nossas compreensões diante das observações e entrevistas do campo.

### **CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARA O FORTALECIMENTO DA TERRITORIALIDADE**

O primeiro trabalho de campo na Terra Indígena Kaxarari, ocorreu no dia 18 de abril de 2022 (segunda-feira), Aldeia Barrinha, a viagem durou em média sete horas da cidade de Porto Velho até a terra indígena, devido às obras de manutenção em trechos na BR 364, fortes chuvas

Revista Culturas & Fronteiras - Volume 5. Nº 9 - Dezembro/2023

Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas - GEIFA /UNIR

Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/index>

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

e aos diversos problemas estruturais no ramal. Entretanto, a observação da paisagem ao longo do trajeto restituiu todo o cansaço e encantou os sentidos. Ao chegar na comunidade, a presidente da associação OFIKK (Organização da Família Indígena Kaibú Kaxarari), Sra. Zilma, nos recebeu cordialmente, apresentou as instalações da escola que serviriam de alojamento para a equipe.

No ambiente escolar, que atende ao Ensino Fundamental I na aldeia, observamos a ludicidade em uma das salas, típico em salas de ensino infantil. Entretanto, há ausência de materiais que remetesse à cultura local, uma vez que apesar de haver gravura representando indígenas, este ainda apresentava estereótipo do indígena seminu e infantilizado, destacado na figura 1.

A representação do/da indígena ainda é reflexo de uma concepção colonizadora, partindo de uma suposta ‘verdadeira cultura’ que supõe que todo o diferente é exótico e folclorizado. A identidade cultural criada nesse panorama, remete a uma posição ‘inferior’, que destina o olhar para o outro verticalmente e pejorativamente.

Figura 1: Sala de aula 01 - Gravura na parede

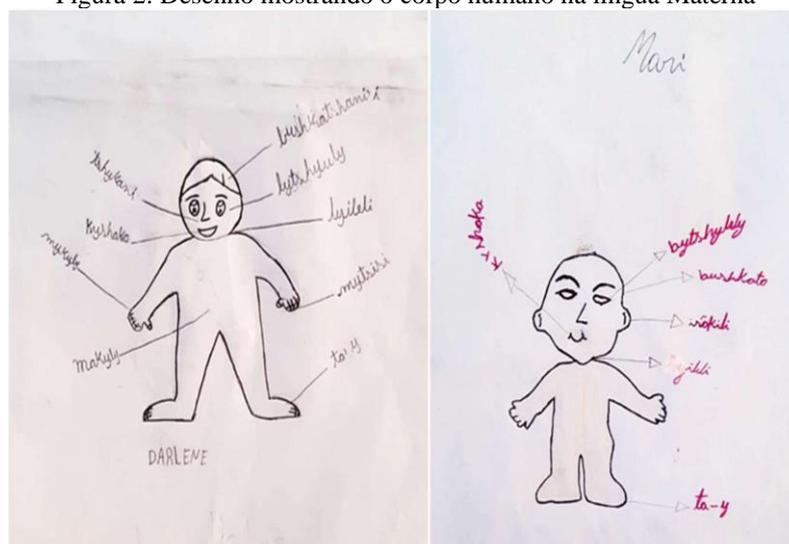


Fonte: Projeto Viver Kaxarari (2022)

Na segunda sala de aula, encontramos em exposição atividades significativas que traziam em destaque a língua materna do povo Kaxarari (Figura 2). Existe uma grande diversidade linguística no Brasil, e sabemos que desde os tempos da colonização não se fala somente o Português Brasileiro, mas várias línguas, e é imprescindível destacar que estas línguas não devem ser apontadas como “dialetos”, uma vez que supõe que estes idiomas seriam menos desenvolvidos e/ou inferiores às línguas intituladas “verdadeiras”. Desse modo, atividades como as que foram registradas valorizam e fortalecem sua língua, além de rebater concepções de língua indígena como dialeto.

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Figura 2: Desenho mostrando o corpo humano na língua Materna



Fonte: Projeto Viver Kaxarari (2022)

Assim, o homem ao se inserir em práticas discursivas, é capaz de significar-se e significar, ou seja, define a permanência ou a continuidade de uma referida posição na realidade na qual vive. Dentro dessa ótica, o autor Moita (2002) reforça a ideia de relação direta entre linguagem e identidade, uma vez que ambas se constroem mutuamente.

### ONTOLOGIA KAXARARI: EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA

O trabalho realizado durante a visita na Aldeia Barrinha, as lideranças que estavam presente em assembleia e apresentaram suas demandas, tais como: as péssimas condições do ramal, único meio para deslocamento entre aldeias e distritos; fortalecimento da participação entre as aldeias para elaboração de projetos por meio da associação; dificuldade das gerações em manter a língua materna; importância de união entre as aldeias para o fortalecimento do povo Kaxarari e de seu território; importância das trocas de experiências e o valor da língua materna. Dentre as entrevistas realizadas destacamos neste artigo a conversa com a sra. Maria da Costa Kaxarari, uma vez que nos trouxe referências significativas dos modos de constituição da sua cultura.

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Figura 7: Sede de Reuniões da OFIKK na Aldeia Barrinha



Fonte: Projeto Viver Kaxarari, 2022.

Nossa entrevistada Maria (48 anos), casada com o Cacique Miguel da Costa Kaxarari, é mãe de dois filhos, sendo estes de 15 e 5 anos de idade, residem na Aldeia Nova. Falante da língua Kaxarari como primeira língua, é agricultora familiar e seus produtos são para consumo próprio, já o cacique Miguel é professor da rede pública de ensino.

Iniciamos dialogando sobre cultura e tradições e em alguns momentos tivemos que reformular as questões uma vez que existiam “termos” no questionário que não eram familiares ao vocabulário da entrevistada. Perguntamos a respeito dos significados das pinturas e grafismos e ela respondeu que “*é importante, é alegria*”. Ela relata que em momentos mais difíceis e de tristeza não realizam a pintura, tendo em vista que a pintura corporal (grafismo) carrega uma simbologia que perpassa os traços, envolvendo sentimentos que são representados e expostos. Cada clã (grupo familiar) possui seu próprio grafismo, com traços e cores específicas.

Com relação ao sagrado, perguntamos se havia alguma recomendação alimentar, ao qual respondeu: “*comem junto, porco do mato*”. A partilha dos alimentos é um momento importante e sagrado, principalmente naquela região em que a floresta já não supre todas as necessidades alimentares de seus moradores, tornando a confraternização de alimentos um ato de amor e devoção ao sagrado. Ainda sobre o sagrado perguntou-se sobre como Deus seria, ela nos respondeu: “*Tsurá bom*”. Continuamos perguntando se Deus (Tsurá) era justo e se havia punição a quem fazia algo de errado, e de imediato respondeu: “*não Tsurá bom, não faz mal*”,

## **TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

nesta parte a entrevistada foi firme em defender a simbologia/imagem de Deus, aqui há o entendimento que o amor do sagrado é incondicional e acessível a todos.

Munduruku (2009, p. 20) evidencia essa relação contrastante entre o modo ocidental de compreender a vida e o modo dos povos indígenas, destacando que “talvez nada disso faça sentido para o ocidental acostumado com o pensamento linear, quadrado, senhorial e possessivo. Não importa. Nunca fomos entendidos mesmo. E ainda assim sobrevivemos”. Na contemporaneidade, a desigualdade marca o desequilíbrio nas relações sociais, na utilização dos recursos naturais e culturais. Ora, o modelo de progresso apresenta duas grandes consequências: uma de tratar os recursos da Terra como inesgotáveis e a outra de que apenas uma pequena parcela da humanidade acumule bens produzidos com o sofrimento e a morte e a exploração de pessoas e da natureza.

Na fala da nossa entrevistada evidenciamos que a exploração da natureza, das águas, do desmatamento influencia, principalmente, a vida dos povos indígenas. Maria destaca as mudanças na natureza nos últimos anos: “sim, muita chuva, muito sol e pouco vento. Pouca caça e pouco peixe”. Nesse sentido, a insegurança alimentar é um dos problemas que vem junto com a não preservação da floresta, assim como as mudanças climáticas, e se faz necessário combater as injustiças, os privilégios e os mecanismos que geram a desigualdade, provocados por um sistema econômico que se apropria da vida em todas as escalas. Na visão cosmológica indígena o que prevalece é a vida e os povos entendem a necessidade da auto realização da natureza. O que interessa é o equilíbrio e isso intriga a visão materialista da cultura ocidental (Baniwa, 2016).

Após a entrevista com a Sra. Maria, fizemos algumas perguntas ao seu filho Galdino (15 anos de idade). Primeiro perguntamos qual sua expectativa para o futuro. Ele nos respondeu: “Parei de estudar, não tem ensino médio aqui. Quero ser professor”. Neste momento, vimos que ele entende a necessidade da educação para realizar o sonho de lecionar, uma vez que garante aos indígenas e suas comunidades reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas, bem como o acesso às informações e conhecimentos das mais diversas áreas.

Quando perguntado sobre as dificuldades na aldeia, nos respondeu: “Estrada ruim, não tem professor na escola, falta um posto de saúde na aldeia”. Desse modo, é possível perceber que ocorre uma negligência por parte do Estado em suas esferas de poderes, no cumprimento dos Direitos básicos como direito de ir e vir, saúde e educação. A falta da garantia de direitos dos povos indígenas em seus territórios remete aos tempos da colonização com o projeto de aniquilação das etnias e apesar dos avanços na conquista de direitos, ainda existe uma tentativa

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

de invisibilizar a resistências dos povos indígenas e se faz necessário reforçar o grito de que o Brasil é terra indígena.

Também buscamos ouvir a filha de 5 anos de idade da Maria, nossa entrevistada em destaque. Pedimos a ela que nos contasse por meio de um desenho sobre o lugar onde vive. No desenho (figura 4) podemos observar vários pontos coloridos que representavam os mais diversos animais como cachorro, aranha, peixe, borboleta, formiga, macaco e, inclusive, um pinguim. Nesse sentido, com base em Bachelard (1993), o sujeito percebe o espaço por meio da imaginação, que vai além da geometria. O espaço trata do vivido, da experiência do ser, em toda sua totalidade e parcialidades da sua imaginação. Desse modo, a lógica infantil e a imaginação criam possibilidades de novas realidades sem limites ou fronteiras.

Figura 4: Família da Maria Kaxarari



Fonte: Projeto Viver Kaxarari, 2022.

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que os indígenas com suas experiências sustentáveis oriunda de saberes ancestrais podem orientar futuras gerações e assegurar a existência humana em equilíbrio, sob os princípios da reciprocidade, fraternidade, da convivência e respeito ao planeta (KOPENAWA, 2015). Frente a esta difícil tarefa que é modificar um modelo consolidado da sociedade globalizada, as modificações no cotidiano podem ser voltadas para o restabelecimento das relações sociais e com a natureza, por isso é importante percebermos as próprias subjetividades e os problemas da homogeneização da humanidade.

### DA CULTURA A FÉ: CAMINHOS ENTRE O DE FORA E O DE DENTRO

Em 2023, na segunda parte desta pesquisa, o trabalho de campo foi realizado na aldeia Marmelinho, Terra Indígena Kaxarari. No contexto da organização espacial da aldeia

Revista Culturas & Fronteiras - Volume 5. Nº 9 - Dezembro/2023

Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas - GEIFA /UNIR

Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/index>

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Marmelinho foi possível notar que a comunidade mantém seus traços indígenas, mas com uma forte influência da cultura não indígena. A presença da religião, especificamente do segmento religioso protestante, resultou em grande influência no modo de vida dessas pessoas, que pode ser visto com clareza na reprodução arquitetônica do local.

Em um diálogo com o Sr. Domingo, cacique da aldeia Marmelinho, e sua esposa, a Sra. Rita, durante a compra de peças artesanais, pudemos aprender um pouco mais sobre o artesanato da família, a vivência na comunidade e suas demandas. Quando perguntados sobre o modo de vida, com a entrada da religião na comunidade, queríamos saber como foi sua aceitação entre os moradores do local, haja vista que poderia impactar sobremaneira em suas vivências, seus ritos, suas crenças e seus métodos.

O entrevistado Domingo analisa a introdução da igreja evangélica na comunidade como algo positivo. Ele enxerga a igreja como uma bênção para eles e conta que trouxe benefícios para a comunidade, uma vez que eles passaram por mudança em seu comportamento.

A autora Márcia Alves, em seu artigo “Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais”, fala sobre a emoção e a confirmação simbólica como agentes da espacialidade e que o mundo é permeado pelas emoções, fazendo parte do mundo da cultura e dando sentido e significado ao ser simbólico. Considerando isso, concluímos que a religião se tornou parte de sua cultura, uma vez que “o espaço, portanto, não é um meio estranho, mas é onde nos sentimos em casa e, assim, torna-se espaço vivenciado” (ALVES, 2020).

A preocupação que existe em relação a introdução dessa religião é que no processo de conversão dos indígenas ao cristianismo, possa haver alguma ruptura com a sua cultura ou com a sua identidade. Munanga critica a imposição cultural do ocidente sobre as outras culturas e defende que “é a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados” (MUNANGA, 2003).

Silva (2017) afirma que “o símbolo e a forma simbólica possuem uma ritualística lógica comum, cujo atributo é dar sentido à vida e às múltiplas relações com o espaço” e quando encontramos a imposição da cultura religiosa eurocêntrica, podemos notar um distanciamento com a cultura territorial, o que pode ser visto como perda da identidade, uma vez que as características de um povo “apresenta a territorialidade como resultante do espaço de ação e experiências socioespaciais como realidade material e imaterial construída simbolicamente pelos coletivos” (SILVA, 2017).

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Retornamos o foco para o artesanato, que representa a cultura Kaxarari e ajuda a preservar suas características, conhecimentos e saberes. A primeira peça que apreciamos, foi um paneiro pequeno que, segundo a dona Rita, foi feito de cipó titica, material muito utilizado entre o clã do Pássaro – do qual ela pertencia.

Figura 5: Paneiro de cipó titica, artesanato Kaxarari.



Fonte: Maiza Soares, 2023

Enquanto conversávamos com Domingo e Rita, pudemos notar que eles têm interesse em vender seus artesanatos para pessoas de outros lugares. Perguntamos se ele gostaria de vender a produção deles na cidade e ele respondeu que seu desejo é de que o artesanato deles seja valorizado pelas pessoas de fora. “Eu queria que tivesse como levar lá na cidade. Não adianta nada vender pro pessoal daqui. Eles não querem”, disse Domingo.

Quando perguntamos o motivo de não levar para Extrema, por exemplo, por ser uma cidade próxima, ele nos respondeu que é muito difícil para eles saírem para a cidade com as peças, principalmente por causa da estrada. O transporte deve ser feito com cuidado pela delicadeza das peças e, por mais que haja interesse das pessoas de fora da comunidade, ele não sabe qual seria a maior procura quando fossem vender.

Ao contemplarmos outras peças expostas, encontramos uma pulseira de tucumã e pena de arara – explicado pela Sra. Rita. Enquanto conversávamos, pudemos perceber que a venda do artesanato ainda não é algo estruturado entre eles. O preço ainda não era definido, podendo variar o valor de uma mesma peça para pessoas distintas.

## TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Figura 6: Pulseira de tucumã e pena de arara, artesanato da Aldeia Marmelinho.



Fonte: Maiza Soares, 2023.

Ainda durante nosso diálogo, reforçamos a importância de apresentar o artesanato Kaxarari para outras pessoas como maneira de fortalecer as características e as particularidades da família Kaxarari, além de preservar a história e o modo de vida deles, pois “a cultura de um povo conta sua história”, disse o professor Josué.

### CONSIDERAÇÕES

As representações das populações indígenas apresentam em suas simbologias, elementos pertinentes às análises e abordagens da Geografia Cultural. As culturas permeiam entre as representações e simbologias, nas quais a historicidade, a espacialidade e territorialidade são construídas através dos valores considerados mais importantes de um povo. A pesquisa realizada pautou a problemática de representações de indígenas e teve como objetivo conhecer as representações sociais do “ser indígena” e compreender a visão de mundo, através das territorialidades e identidade.

Contudo, muitos princípios indígenas, como o respeito à natureza e a busca pelo equilíbrio, são universais e podem ser adotados por qualquer pessoa, independentemente de sua origem étnica, afinal a natureza fornece recursos vitais, como água, alimentos e ar puro, que são essenciais para a nossa sobrevivência. Além disso, a natureza desempenha um papel importante na regulação do clima e na manutenção do equilíbrio ecológico. Além disso, muitas culturas e tradições valorizam a natureza por suas qualidades espirituais e estéticas, e o respeito à natureza é uma parte importante de suas crenças e práticas.

## **TERRITORIALIDADES KAXARARI E SUAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS**

Gostaríamos de agradecer aos colaboradores pela construção dessa pesquisa. Os professores Maria das Graças e Josué da Costa Silva, os pesquisadores dos grupos de pesquisas GepCultura e GepGênero e a comunidade Barrinha e Marmelinho, que nos receberam e contribuíram para a construção do nosso trabalho, nos ajudando com relatos de experiências, descrição das suas atividades e mais do que qualquer coisa, com o compartilhamento de seus saberes e cultura.

### **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Representações Indígenas: Territorialidades e Identidade – Uma Aproximação Teórica**. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. RA E GA 23, p. 238-262, 2011.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- BANIWA, Gersem. **O território indígena**. Entrevista concedida a Rubens Lopes, em 17.06.2016. Acesso em: 31 jan. 2020.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana**. Ed: Martins Fontes, São Paulo. 1994.
- FUNAI. **Relatório de viagem à Área Indígena Kaxarari**, 1997
- SILVA, Márcia Alves Soares da; GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Sobre o Conceito do Espaço Vivenciado: Refletindo as Espacialidades a Partir das Experiências Emocionais**. Geograficidade / Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ: UFF – v. 1, n. 1. 2020.
- MOITA LOPES Luiz Paulo Da (ufrj). **Contextos Institucionais Em Linguística Aplicada: Novos Rumos**. Intercâmbio, Vol. 5, 1996 (3 – 14).
- MUNDURUKU, Daniel. **EDUCAÇÃO INDÍGENA: DO CORPO, DA MENTE E DO ESPÍRITO**. Revista Múltiplas Leituras, v.2.. 2009.
- MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**. 2003.
- VAL, Adalberto Luis. **Amazônica Cienc. Cult.** vol.61 no.3 São Paulo 2009 Online version ISSN 2317-6660